

TEMPUS FUGIT

Tempus fugit é uma citação latina, “o tempo que escorre”, o tempo que voa. Dez anos atrás (27 agosto), encerrei minha carreira como estudante do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP de São Carlos passando por uma prova de fogo, a defesa da minha tese de doutorado sobre o planejamento urbano de Franca diante de uma banca de alta qualificação, os professores Flávio Villaça, Renato Anelli, Ioshiaqui Shimbo, Maria Cristina da Silva Leme e minha certa orientadora, Sarah Feldman. As ricas discussões ocorridas naquele dia também marcaram outra data: foi a primeira defesa de tese do programa de doutorado do IAU-USP.

Meu trabalho abordou a eficácia do planejamento urbano durante o período da ditadura militar, que a literatura colocava como sendo inútil, abordagem que contestei parcialmente na medida em que o PD de Franca foi utilizado e boa parte de suas propostas foram de fato implantadas, ao contrário da maioria das cidades. (Para quem se interessa pelo assunto, o livro que resultou desta experiência extraordinária que vivi pode ser obtido gratuitamente em pdf, basta solicitar pelo email laboratoriodasartes@yahoo.com.br).

Mas chegar àquele dia fazia parte de uma aventura que havia começado muitos anos antes, em 1974. Fui contratado como professor do curso de design da Faculdade Pestalozzi e cursei uma disciplina do mestrado em São Carlos, fui aluno do Carlos Cascaldi, parceiro de Vilanova Artigas. Porém, não tive como prosseguir, casei, fui trabalhar na prefeitura, na universidade, no meu escritório e tudo mudou. Só retomei o mestrado em São Carlos em 1984 graças ao Pistolinha, que demitiu o corpo técnico da prefeitura de Franca para colocar seus apaniguados.

Livre de horários, fui orientado pela Ermínia Maricato e concluí o mestrado em arquitetura e urbanismo em 1989. O doutorado do IAU foi criado em 2003, fui aprovado no processo seletivo e por anos viajei cursando as disciplinas tendo como companheiros meninos e meninas com pouco mais que vinte anos (eu tinha mais de 50 na época, já era um velho arquiteto). Não teria conseguido sem o apoio dos amigos, da orientadora Sarah e do Shimbo, cujo célebre endereço da alameda das Azaleias foi o meu refúgio seguro nos dias de aula e palco de boas conversas regadas a risadas e a molho de shoyu.

Após a conquista do título, sem foguetório e povo comemorando nas ruas como os campeões esportivos, voltei dirigindo meu carro para Franca já como ex-aluno, observando em silêncio e de relance a paisagem tantas vezes vista entre as duas cidades, sem pensar que era o fim de um tempo. Dentro da noite veloz, vi os cafezais que desapareceram substituídos pelos canais. Vi os eucaliptos da fábrica de papel e a estrada para a colônia japonesa de Guataparará, que era distrito de Ribeirão e virou município. Vi a violenta expansão urbana de Ribeirão Preto, seus novos arranha-céus e extensos conjuntos habitacionais empobrecidos e violentos. Vi a estrada que era simples virar dupla, tripla em certos trechos, encher-se de pedágios.

Na manhã seguinte, fui abastecer o carro e o frentista perguntou: “vai encher o tanque, doutor”? Pensei: como as notícias correm depressa. *Tempus fugit*.

Mauro Ferreira é arquiteto